

**EM TERRAS DO NGOLA E DO MANIKONGO:
DESCRIÇÃO DOS REINOS DO KONGO E NDONGO NO SÉCULO XV**

Lucas Caregnato*

Esse trabalho tem como objetivo, elaborar um panorama geral das principais características, do território angolano no séc. 15, mais especificamente delimitado pelo Reino do *Kongo* e do *Ndongo*. Esse recorte espacial se deve, principalmente, pelas fontes disponíveis, que nortearão esta pesquisa.

Assim que os conquistadores portugueses aportaram na região analisada, as vias de transporte eram o Oceano Atlântico e, posteriormente, os rios que lhe faziam contato, como é o do *Zaire* (Congo) e do *Kwanza*. Portanto, os primeiros locais a serem dominados pelos europeus foram as regiões próximas ao litoral e aos leitos dos rios. Nesse sentido, os primeiros contatos entre os conquistadores e os nativos ocorreram, primeiramente com os povos que viviam nas regiões litorâneas, próximos aos grandes rios e, posteriormente com as populações que viviam nas regiões interioranas.

Os locais que tinham organizações políticas centralizadas, como é o caso do Reino do *Kongo* e do *Ndongo*, despertavam maior interesse aos portugueses, já que estes vislumbravam cooptar os líderes políticos dessas regiões, visando facilitar a exploração de metais preciosos, cativos, e vários outros produtos de seu interesse.

O termo *bantu* é a categoria utilizada para definir os grupos etno-linguísticos que habitavam a região centro-sul do continente africano. Esse termo resulta da combinação de *ntu* (ser humano), acrescido do prefixo *ba*, que designa plural, ou seja, seres humanos ou pessoas (SOUZA, 2006: 86).

Salienta-se que não havia uma unidade cultural e étnica entre os *bantus*. Esse grupo era composto por muitas etnias, que viviam numa região geográfica bastante ampla, do continente africano. Porém apesar das especificidades e da diversidade que

* Mestrando em História – UPF. Bolsista da CAPES.

envolviam os indivíduos, que compunham esse extenso grupo etno-linguístico, podem ser encontradas, ao longo da História, algumas características e traços semelhantes, entre as diversas etnias que fazem parte desse grupo.

Os Reinos do *Kongo* e do *Ndongo* atualmente estariam localizados na região da República de Angola, da República do Congo e em parte da República Democrática do Congo. No período analisado, as fronteiras geográficas *bantus* eram bastante imprecisas aos olhares europeus, pois estes não utilizavam a mesma forma de divisão espacial e política na Europa. Reinos, estados independentes e microestados eram divisões que confundiam os portugueses. Essas fronteiras africanas baseavam-se em fundamentos diferentes que as dos europeus; logo, eles não conseguiram entender sua lógica. Isso gerou uma imprecisão na determinação das fronteiras geográficas aos olhares dos conquistadores, percebida por meio das fontes.

Algo que parece ser comum às etnias que habitavam a região era a relação íntima com o espaço físico, ao qual estavam submetidos. Isso porque a base da organização política, religiosa e social desses povos estava diretamente relacionada com a fauna, a flora e os elementos da natureza. Nas lidas agrícolas, que proviam a produção de sorgo, tubérculos, cereais, entre outros produtos, era necessário o domínio das estações, o conhecimento do solo, os instrumentos e a dedicação. Para a pesca e navegação, cabia o conhecimento do regime dos ventos, da lua e a elaboração de técnicas. Para os diferentes cultos religiosos desses povos de origem *bantu*, a relação com o meio era intrínseca. Suas divindades representavam elementos da natureza, e agiam por meio deles.

Nessas sociedades linhageiras, a união dos grupos étnicos ocorria mediante sistemas conhecidos como: matrilineares e patrilineares. No sistema patrilinear, a descendência ou linhagem ocorria por via masculina. A figura masculina detinha importância preponderante nesse processo, sendo que o filho pertencia a sua família e recebia o nome de sua linhagem. O patriarca mais velho detinha a autoridade, e a mulher passava a residir na família do marido. A educação, a religiosidade, o patrimônio, a autoridade e a sucessão se baseavam na linhagem materna. E os aspectos sociais e culturais assentavam-se nos laços paternos (SANTANA, 2010: 10).

Já no sistema matrilinear, o filho pertencia à família materna, e a herança ocorria por meio da mulher. O homem passava a residir na localidade da esposa, e o pai é o tio materno. Além de os aspectos socioculturais estarem firmados nos laços maternos, a autoridade do clã ou aldeia baseava-se no tio materno, mais velho (SANTANA, 2010: 10).

Reino do *Kongo*

A organização política que teve maior destaque na região analisada foi o reino do *Kongo*. Dentre os principais fatores destacam-se: o fato de esse reino ter uma abrangência territorial, detendo em sua áreas, reservas de metais preciosos, terras férteis e um elevado número de indivíduos, que, a partir da exploração dos portugueses, foram destinados ao tráfico de escravos. A centralidade política resultava num grupo privilegiado de nobres, que dominavam o poder e administravam a cobrança de impostos. Preponderava a política administrativa perante os outros reinos e microrreinos que estavam próximos, submetendo-os a um regime de interdependência ou subserviência econômica e militar. Essas são algumas razões que despertaram nos europeus interesses nos benefícios que poderiam advir ao dominar esse território.

O reino do *Kongo* localizava-se no Norte de Angola (PANTOJA, 2000), ao Sul da atual República Democrática do Congo (*Kinshasa*) e da República do Congo (*Brazzaville*). Suas fronteiras beiravam o rio Zaire, do estuário até sua confluência com o rio *Inkisi* e, em alguns lugares do Norte, estendia-se além do rio *Manyanga* e de todas as terras do sul, até o rio Loje (VANSINA, 2010: 652).

O território do *Kongo* era banhado por quatro grandes bacias hidrográficas: do *Zaire*, do *Kwanza*, do *Cunene* e do *Zambeze* (PANTOJA, 2000: 52). A vegetação predominante dessa região era a savana, ao sul da floresta tropical (MAESTRI, 1978: 30). Suas matas eram de ébanos, de que os marinheiros faziam lenha. Suas terras produziam videiras cultivadas pelos portugueses. Árvores frutíferas de: laranja, cidra, limão, pomo, romã e figo (PIGAFETTA, 1989: 11) compunham a flora da região.

O clima era variado, podendo ser caracterizado como intertropical, com os subtipos: equatorial litorâneo, com temperaturas úmidas e altos índices de chuva; clima subtropical do litoral; tropical continental, com temperaturas altas e constantes, alto

índice de umidade e chuvas, e clima planáltico da região sul (PANTOJA, 2000: 52). Pela variabilidade do clima na região, e principalmente pela chuva, os nativos dividiam o ano em seis estações: *Massanza*, *Nsasu*, *Ecundi*, *Quitombo*, *Quibisso* e *Quimbangala*. *Massanza* é o mesmo que primavera e vai desde o princípio de outubro, quando começam as chuvas, até o fim de janeiro. Essa primeira estação caracterizava-se pelo germinar das plantas. A segunda estação, *Nsasu*, iniciava no fim de janeiro, quando os campos estavam germinados e em poucos dias os cereais amadureciam. Concomitantemente a isso, semeava-se para a estação seguinte. *Ecundi* e *Quitombo* juntam-se no começo de março, quando iniciam as chuvas, e continuam até meados de maio. Elas se diferem por seu maior ou menor atraso. Pelo fim do mês de março, encerrando as chuvas, o ar tornava-se quente e não chovia mais até meados de setembro ou princípios de outubro (CAVAZZI, 1965: 35).

O litoral era uma região arenosa e seca, com um regime de chuvas irregular. Em torno das regiões margeadas pelos principais rios e lagos, o agricultor *bantu* se fixou, sanando o problema da instabilidade pluviométrica. Essa irrigação natural, com o domínio das estações de chuva beneficiou as ações do agricultor *bantu*. Porém, não era apenas a seca que causava problemas, as guerras, pragas de animais e vegetais geravam grandes transtornos aos nativos da região, que se apropriavam, de produtos agrícolas europeus, como a mandioca, que tinha maior resistência às características naturais da região (MAESTRI, 1978: 54).

As mulheres eram responsáveis por grande parte do trabalho agrícola. Já os homens tinham como principal objetivo a caça e coleta de alimentos, em locais distantes, levando dias ou semanas para retornarem a aldeia. Também é importante lembrar que a procriação constante era necessária, para assegurar a manutenção e ampliação dos indivíduos nos grupos. Por isso, as mulheres estavam continuamente grávidas e, portanto, presas nas aldeias e às lidas agrícolas.

Inúmeras eram as etnias que estavam presentes na região do reino do *Kongo*; porém, os principais estudiosos apontam uma preponderância demográfica do grupo *Kongo*.¹ Esse grupo habitava a área ao norte e ao sul do rio *Zaire*, entre a costa atlântica

¹ DOUTRELOUX, Albert. *Introduction à la culture Kongo*, "Annales", 46, Tervuren, 1963, p.109-169.
Idem, *Les Kongo*, in: VANSINA, Jan. *Introduction a l'ethnographie du Kongo*. Kinshasa, 1966, p.

e o *Pool-Malebo* (Stanley-Pool), ocupando a região do Baixo *Zaire*, grande parte do Noroeste de Angola, o enclave de *Cabinda* e atingindo a parte ocidental da atual República do Congo (MARTIN, 1999: 500). Ao sul do rio *Zaire*, o grupo *Kongo* subdividia-se nas seguintes etnias: *Solongo*, *Mboma*, *Ashikongo*, *Zombo (Mbata)*, *Nkanu*, *Mpangu*, *Nsundi*. Povos que se estendiam para o norte do grande rio: *Tsotso*, *Hungu*, *Yaka e Suku*. Ao norte do *Zaire*, habitam as etnias *Woyo*, *Kakongo*, *Vili*, *Yombe*, *Kunyi*, *Manyanga* e *Bembe* (MARTIN, 1999: 500).

Há um questionamento recorrente entre os pesquisadores sobre a origem do reino do *Kongo*, pois são muitas as explicações que permeiam a oralidade e, ainda hoje, tentam explicar tal fato. Como os povos que viviam na região eram ágrafos, até o contato com os portugueses, a única fonte que pode auxiliar a responder sobre essa indagação são os relatos orais, transmitidos ao longo das gerações, chegando até os dias atuais, carregados de mitologia e valores das etnias e culturas dos povos que vivem na região.

Segundo as principais teses, o *Kongo* teve sua origem na chefia *Vungu*, ao norte do rio *Zaire*. Nessa época, organizaram-se conglomerados de chefias, e pequenos reinos, que se localizavam ao longo do grande rio. Dentre os líderes dessas organizações, destacou-se *Nimi Lukeni*, deixando o *Vungu*, no *Mayombe*, e cruzando o *Zaire* (VANSINA, 1963: 36-37), indo à conquista da chefaria *Ambunda*, onde posteriormente fundaria *Mbanza Kongo* (VANSINA, 2010: 649).

Observam-se várias especificidades, que variam nas narrativas e pesquisas sobre o desenrolar desse fato. Uma aponta que *Ntinu Wene (Lukeni)* rompeu com a autoridade do principal chefe, seu pai, a quem pretendia substituir, e afastou-se para conquistar suas próprias possessões. Outra versão diz que *Lukeni* matou a tia que estava grávida, cortando-lhe o ventre. Em consequência dessa atitude, foi proclamado rei e, abandonando a autoridade do pai, iniciou a conquista do seu reino. Outra versão ainda revela que a mãe de *Ntinu a Lukeni*, também grávida, foi rudemente insultada por um

115-127. A extensão da área de língua Kikongo esteve intimamente relacionada com a expansão do "Reino" Kongo. No século XVI, populações de língua Kikongo habitariam ainda a região de Luanda, onde posteriormente o Kimbundu se foi implantando. Joseph Miller, *Kings and Kinsmen, early Mbundu states in Angola*, Oxford, 1976, p. 39

barqueiro, o que levou *Lukeni* a preparar um exército e a conquistar um reino, tornando-se a genitora rainha-mãe (MARTIN, 1999: 521).

Não é possível apontar a veracidade ou falsidade de tais relatos; porém, suas narrativas trazem fortes indícios de que, apesar de variações, a figura de um herói unificador, que sobrepõe poder sobre outros povos e chefarias, fica muito presente nesses mitos fundantes, cabendo pesquisas sobre o tema.

Em termos de divisão territorial, costuma-se dividir o reino do *Kongo* em seis províncias: *Soyo, Mbamba, Nsundi, Mpango, Mbata e Mpemba* (VANSINA, 1965: 34). Além dessas províncias haviam estados independentes e chefias, como os dos *Mbundo* do nordeste de Angola, *Ndongo, Matamba, Loango, Ngoyo, Dembe, Cakongo*, entre outros (SANTOS, 1964).

O chefe supremo do reino do *Kongo* era conhecido como *Mani Kongo*. Do *quicongo* ou quimbundo *miwene*, “rei”, aportuguesado para “mani” ou “mono” desde o século 15, mais a expressão *Kongo*, resultou em Rei do *Kongo* (LOPES, 1990: 69- 87). Esse reino era composto por muitas *mbanzas*, espécie de cidades que seguiam as determinações propostas pela *Mani Kongo* (PANTOJA, 2000: 59). O rei tinha uma função de destaque social no reino, conforme apontam o primeiro relato que descreve o contato entre os portugueses e o reino recém-descoberto:

EL-Rey, sentado em hua cadeira de marfim, colocada sobre hum throno de madeira: apparecia nù da cintura para cima, o restante cuberto de hum panno de damasco cramesim, no braço esquerdo hua argóla, ou bracelete de latão: pendialhe do hombro hua cauda de cavallo, insignia entre elles Real, & preciosa: tinha na cabeça hua como mithra, tecida delicadamente de folhas de palma (BRÁSIO, 1954. v. 1: 94).

As insígnias e os objetos presentes no relato acima demonstram que a realeza do *Kongo* detinha riqueza e prestígio. A figura do rei representava, além do poder político, uma relação com as questões míticas, que explicavam a origem e organização da sociedade *bantu*. Suas vestimentas e os adornos eram uma constante representação de sua cosmovisão.

Em cada *mbanza* havia um *soba* que detinha a autoridade principal e jurisdição sobre as pessoas e bens, dentro de uma determinada área política e geográfica (PARREIRA, 1990). Munido de uma boa estrutura administrativa, o *Mani Kongo*

destinava um funcionário, que poderia ser substituído segundo sua vontade, para governar um conjunto de aldeias ou eram chefiados sob seu comando (PANTOJA, 2000: 60).

Pelo controle do *Mani Kongo*, a unidade do reino era mantida, cercada por linhagens nobres que se entrelaçavam por meio de relações matrimoniais. O centro do poder estava localizado na capital *Mbanza Kongo* (VAINFAS; SOUZA, 2006: 48) sendo atualmente a capital da província do *Zaire*, situada ao noroeste de Angola. O rei aí administrava, juntamente com o grupo de nobres que formavam o conselho real. Estes tinham diversas funções como: coletores de impostos, militares, juízes, empregados pessoais, entre outras.

O governo central se mantinha pela cobrança de impostos sobre produtos e pelo trabalho compulsório. Essas taxas podiam ser pagas em tecidos de rafia, marfim, metais, cativos e *nzimbo*s (SILVA, 2002: 425). Os *nzimbo*s eram conchas utilizadas no reino do *Kongo* e na região, como moedas que vinham da ilha de Luanda, e eram recolhidos por mulheres que as selecionavam e limpavam, para sua utilização. Esse “produto” era explorado como monopólio do *Mani Kongo*, rendendo-lhe grande valia.

Como forma de o rei ampliar e garantir seu domínio sobre a sociedade linhageira, ele distribuía a riqueza adquirida pela cobrança de impostos, entre os seus pares. Parte do que recebia repassava aos governadores provinciais, que, por sua vez, repartiam entre os chefes dos distritos e, estes, entre os líderes das aldeias e das linhagens (SILVA, 2002: 368). Essa ação do *Mani Kongo* garantia seu domínio sobre as aristocracias regionais, mediante cumplicidade e subserviência.

Havia na sociedade konguesa um grupo que constituía a nobreza e compunha a camada privilegiada. Esses nobres viviam nas cidades, exceto quando necessitavam ocupar cargos nas províncias (VANSINA, 2010: 625-623.). A realeza baseava-se em eleições: o conselho real comportava 12 membros, os *muxicongos* ou *muissicongos*, uma aristocracia dentro da aristocracia, formada pelas 12 *candas* da região central do reino, onde ficava *Mbanza Congo* (SILVA, 2002: 366). Destes, quatro eram mulheres – que representavam os clãs das avós do rei. Apesar dessas práticas, as disputas visando à sucessão eram comuns (VANSINA, 2010: 653).

A Província de *Bamba ou Mbamba* era a maior em extensão, e a mais rica, governada pelo *Manibamba*. Tinha sob seu domínio muitos senhores ligados à realeza, entre eles: *Mani Dande, Mani Bengo, Mani Corimba, Mani Cuanza e Mani Caçanje* (PIGAFETTA; LOPES, 1989: 40) e *Mani Luanda*, que era o governador da ilha de Luanda, Todos esses senhores dominavam regiões próximas ao mar. Essa província situava-se ao longo da costa do mar, banhada pelos rios *Ambriz, Cuanza, Loje e Lufune* (CAVAZZI, 1965, t. 1 :16- 19).

Soio (Nsoio ou Soyo) era a província delimitada pelo rio *Ambriz* ao sul. Atravessava o rio *Lelunda e o Zaire* e terminava nas chamadas Barreiras Vermelhas, que estão nos confins do reino do *Loango* (PIGAFETTA; LOPES, 1989: 51). Os homens que governavam essa província eram conhecidos como *Mani Soio*. Como distintivo utilizavam uma carapuça na cabeça com desenho de serpente (BRÁSIO, 1954. v. 1: 61). Na região do *Soio* haviam canais com muitos peixes, especialmente sardinhas e enguias, e outras espécies como: linguados, solhos, barbos, assim como lagostas em abundância. Os indivíduos que viviam no *Soio* utilizavam roupas de panos de palma, com penachos na cabeça, de penas de papagaios e outras aves (BRÁSIO, 1954. v. 1: 61).

Repleta de minas de ferro e cristais (CAVAZZI, 1965, t. 1 : 18-19) era a província de *Sunde (Nsundi)*. Fazia fronteira com *Mpango, Nsoyo, Mikoko e Anzicana*.² Nela estava situada a *Mbanza Kongo*, ou São Salvador, como era conhecida e nomeada pelos portugueses. Essa província era a primeira como patrimônio de todo o reino do *Kongo* e, por isso, era normalmente governada pelo primogênito do *Mani Kongo* (PIGAFETTA; LOPES, 1989: 53).

A região de *Pango ou Mpangu* foi um reino livre que fez fronteira ao norte com *Sunde* e, ao sul, com *Mbata*. Atravessada pelo rio *Berbela, Bankari e Zaire*, sua principal *Mbanza* tinha o mesmo nome. Essa região também se chamava *Panzelungos* (PARREIRA, 1990: 163) ou *Panguelunga* (PIGAFETTA; LOPES, 1989: 53), que supostamente nomeava a margem do rio *Berbela* e se corrompeu no vocábulo *Pango*.

² Cfe. SERRANO, 1990, Pg. 124, Anzikana era uma região onde desenvolveu-se uma importante indústria têxtil a partir das fibras da palmeiras: panos de ráfia. Também podia ser designada por: Nteka, Tyo, Grande Angeka, Mikoko, Makoko e Mundakete.

Fazendo fronteira com o Pango, o *Nsundi*, o *Mpangu* e o rio *Berbela*, estava a província conhecida como *Mbata* ou *Bata*. Sua principal cidade, onde residia o príncipe, chama-se *Bata*. Antigamente se chamava *Agisymba* (PIGAFETTA; LOPES, 1989: 53). Os povos que nasciam na região se diziam *mozombos*. A província de *Pemba* estava situada no centro do reino do *Kongo*, circundada pelos montes Queimados e pelo rio *Loje*.

Um local que se destacava no *Kongo*, pela sua importância política, era sua capital conhecida como *Mbanza Kongo* ou São Salvador (BRÁSIO, 1954, v.3: 33). Nessa cidade, vivia o rei e milhares de pessoas. Grande parte de sua planície era frutífera e cultivada. Produzia grãos de várias espécies, mas a principal e melhor era o *luco*. Era semelhante às sementes de mostardas, um pouco maior. Era moído com moinhos de mão, resultando em farinha branca para fazer pão e derivados.

Havia uma divisão fundamental na sociedade *konguesa*: as cidades – *mbanza* onde viviam os nobres e alguns privilegiados, e as comunidades de aldeias, conhecidas como *lubatas* (VAINFAS; SOUZA, 2006: 48). As principais diferenças entre esses dois espaços sociais consistia no fato de que, nas aldeias, os chefes ou *nkuluntus*, não tinham controle sobre a produção. Tal produção se baseava nas estruturas familiares e na divisão sexual do trabalho. Entretanto, nas cidades, os nobres controlavam a produção, que era fruto do trabalho cativo nas terras da nobreza.

No início do século 15, o reino do *Kongo* detinha hegemonia política e econômica na região. Suas fronteiras beiravam o rio *Zaire*, do estuário até a confluência com o *Inkisi*, indo até o norte na região do *Manyanga* (VANSINA, 2010 :652), incluindo a bacia do *Inkisi* até a região do rio *Loje*. Naquele período, o rei nomeava quase todos os governadores territoriais, a exceção de *Mbata*, e após 1491, do *Soyo*, onde se encontrava o porto do reino, em *Mpinda* (VANSINA, 2010: 653). O rei tinha autonomia para demitir e readmitir governadores e funcionários.

Reino do *Ndongo*

Pelo fato de os povos *bantus* não dominarem a escrita, os europeus nomeavam e caracterizavam as fronteiras locais, recém-descobertas, no final do século 15, sem precisão, havendo variações. A localização do reino do *Ndongo* era ao sul do reino do *Kongo*, entre os rios *Dande* e *Kwanza*, ao leste por *Matamba e Luba*, ao sul pelos estados *Ovimbundos* e *Kisama*, e a oeste pelo Oceano Atlântico.

Conforme o frei Bernardo Maria Cannecattin, missionário italiano que permaneceu durante 21 anos na região do *Bengo*, durante o século 18, a expressão *Ndongo* significa canoa (DELGADO, s.d., v.1: 148). Essa palavra foi utilizada para nomear o reino, provavelmente, por dois fatores. Primeiramente pela numerosidade de rios utilizados como vias de acesso, entre regiões longínquas e fontes inesgotáveis de pesca, e produtos como os *nzimbo*s e sal; sendo a canoa fundamental para esse processo. E segundo, por que a configuração do território do reino era muito extenso verticalmente e pouco largo horizontalmente, se assemelhando a uma canoa (DELGADO, s.d., v.1: 148).

Seu território compreendia vasta extensão, com destaque para a ilha de Luanda, posteriormente conhecida como Ilha do Cabo. Nela viviam milhares de indivíduos. As principais atividades eram: caça, pesca e coleta de *nzimbo*s, que serviam de moedas no *Kongo*. Segundo relato:

Antre elles não há moeda de ouro ne de outro metal, nem cousa que responda a elle, mas usam em lugar disso de certas cousas, que tem preços certos e ordinários, nas quaes entraõ escravas, a que os nossos chamam de peças, de maneira que com duas galinhas compraõ hú capaõ, cõ dous capões hua pedra de sal, cõ duas pedras de sal (BRÁSIO, 1954, v. 3: 227) [...].

Os primeiros relatos de europeus sobre *nzimbo*s se referem a sua presença no Reino do *Kongo*. Entretanto, eram oriundos de Luanda, que na época ainda pertencia ao *Kongo*. Posteriormente passou a pertencer ao reino do *Ndongo*. Logo é bastante provável que esses objetos também fossem utilizados nessa região, como “moeda”, que mediava essas relações de troca entre diferentes produtos e objetos.

Relatos apontam que somente após a segunda metade do século 16 que a região de *Angola* ou *Ndongo* se desmembrou totalmente do reino do Kongo (DELGADO, s.d., v.1: 263), possibilitando assim uma independência política e econômica do *Mani Kongo* o que ocasionou posteriormente inúmeros conflitos entre o *Kongo* e o *Ndongo*.

Nas terras do *Ndongo* existiam alguns espaços de trocas, onde os *nzimbo*s eram utilizados. Produtos valorizados como o sal, também serviam para efetivar essas transações. No caso do sal, ele era dividido em pedras uniformes de três palmos que correspondiam a um determinado valor, na troca por outra mercadoria. Como exemplo dessa transação, destaca-se: uma pedra de sal valia três galos ou seis galinhas, três pedras de sal valiam uma cabra e quinze pedras valiam um boi ou uma vaca (BRÁSIO, 1954, v. 2: 511).

Sendo o sal artigo tão valioso, as regiões localizadas no entorno do *Ndongo*, que dispunham de salinas eram constantemente invadidas, a mando do rei, no sentido de se apropriarem desse bem tão valioso. Numa dessas ocasiões, ocorreu um conflito sangrento que os soldados *quimbundos* trouxeram “[...] 619 narizes de cabeça que cortarão, e em outra forão tantos mortos, que dizem não podere andar senão por cima delles [...]” (BRÁSIO, 1954, v.3: 248).”

Um dos principais rios do *Ndongo*, o *Kwanza* foi uma fonte inesgotável de peixes e de caça nas proximidades. Servia como meio de comunicação no período em que inexistiam outras formas de acesso. Ao longo de seu leito, havia muitas *libatas*, que eram povoações ou pequenas cidades. Nesses espaços se abrigavam milhares de indivíduos que construía(m) suas casas embaixo das raízes dos mangues, facilitando a coleta dos caranguejos. Utilizado como meio de transporte o *Kwanza* era navegado pela população, através de “[...] *almaditas que eram hum cierto de barcos hechos de um palo muy grande y largos, de qye svão estos negros por los tales rios; es este rio muy grande* (BRÁSIO, 1954, v.2: 499)”.

A grandiosidade e força do *Kwanza* era tamanha que, segundo relatos, era possível tomar água doce e potável a mais de 20 léguas mar adentro, de sua foz (BRÁSIO, 1954, v.3: 189). Nessa região era impossível atracar navios, pois, mesmo

com enormes âncoras, eles eram arrastados por muitas léguas e suscetíveis a naufrágios pelos redemoinhos e fortes correntezas que aí ocorriam.

Subdividido geograficamente em três regiões o *Ndongo* era assim constituído: a região baixa, média e alta. A região baixa ou Luanda se estendia desde a costa, numa configuração de planície até o leste, onde se encaixava profundamente na região média e finalmente na região mais alta. A região média eleva-se em altas e contínuas elevações de terra ao alcançar o leste ou terras mais altas (GLASGOW, 1982: 15).

Luanda, uma ilha, tinha doze léguas de extensão, tendo seus limites até o *Tampo* e a Barra da *Curimba* (CADORNEGA, 1942, t. 3: 35). Em suas terras, havia diversas verduras, hortaliças e temperos como: couve, alface, nabo, cenoura, coentro, hortelã e cebola. Figueiras, laranjeiras, limeiras, goiabeiras eram algumas das árvores frutíferas que compunham a flora da região (CADORNEGA, 1942, t. 3: 37).

A fauna da região era muito exuberante e composta por uma variedade de animais. Papagaios, pelicanos, flamingos, patos, corvos, tucanos e araras eram apenas alguns dos pássaros que povoavam a região. Havia um número muito grande de elefantes que, constantemente, destruíam as choupanas e matavam pessoas que viviam aí. Outro animal feroz era o hipopótamo ou *cavalo marinho*, como ficou conhecido pelos portugueses, assim que aportavam na região. Viviam em bandos e eram alvos difíceis para a caça dos povos *bantus* (BRÁSIO, 1954, v.3 : 138), porém sua carne não era menos apreciada pelos nativos. Além desses havia lebres, tigres, zebras, rinocerontes, macacos e porcos do mato.

Era intitulado como *Ngola – A – Killwanji*, ou *Ngola Kasanje* o rei que dominava o reino do *Ndongo*. Talvez toda a área costeira entre os rios *Bengo* e *Kwanza* estivesse sob o controle desse chefe único, que também aparece nomeado nos textos como: *Kasanze*, *Caçanze*, *Casanze*, *Quasanze*, *Cazzanzi*, *Casangi*, etc (SILVA, 2002: 409). Junto ao rei *Ngola Kasanje* havia dez ou doze *sobas* (BRÁSIO, 1954, v.3: 134), que governavam as províncias que compunham o *Ndongo*.

As relações políticas no *Ndongo* ocorriam de forma centralizada pelo *Ngola Kasanje*. Esse soberano tinha como subordinados, nas tarefas de governar, os *sobas*, chefes locais e provinciais que lhe deviam obediência, fidelidade e pagavam impostos.

Como a maioria desses indivíduos vivia afastada do rei, eles gozavam de uma tênue autonomia nas decisões e ações administrativas, que entretanto não poderiam ser contrárias às ideias e à visão do rei. Isso poderia despertar sua fúria, com consequências no mínimo desastrosas para quem as propusesse.

Havia um exército na região que servia para garantir a segurança do *Ngola* e proteger o reino de possíveis invasões e saques. O capitão mor do exército se chamava *Andalaquitunga* (BRÁSIO, 1954, v.3: 324) e tinha como principais funções coordenar a segurança do reino e defender o seu rei.

O grupo étnico que habitava majoritariamente o reino do *Ndongo* era composto pelos *ambundos*. Originariamente, o povo *mbundo* veio da área descrita como *Matamba*. Alguns grupos *ambundos* voltaram posteriormente para o leste, a fim de se subtraírem ao controle português no século 17 (GLASGOW, 1982: 15). Estavam incluídos nessa categoria os *lenge*, os *ndongo*, os *songo*, os *mbondo*, os *pende*, os *hingu* e os *libolo*. Além dos *ambundos* outra etnia presente no *Ndongo* eram os *jagas*. Estes supostamente teriam vindo do *Kongo*, da região do *Libolo* e *Quisama*, se deslocando pelo rio *Cunene* e *Humbe* (FELNER, apud. DELGADO, s.d., v.1: 148-149).

Esses grupos agregavam várias etnias que se baseavam no regime de descendência matrilinear; estruturavam-se em linhagens, sendo comum o dote e a poligamia. Isso porque o aumento no número dos integrantes dos clãs; como mulheres, crianças e cativos garantiam uma predominância militar e política sobre os demais. Representava também, o aumento da mão de obra necessária às atividades rotineiras e do trabalho.

O grupo linguístico predominante era o de origem *Kimbundu*, que congregava muitas etnias como: *ambundos*, *ndembos*, *gangalas*, *ibangalas* ou *jagas*. Interligavam-se por casamentos e comungavam muitas palavras e expressões gramaticais (GLASGOW, 1982: 19). Ao norte, se localizavam os *Ndembos*, que se aproximavam aos *Bakongos*, que, outrora, fizeram parte do reino do *Kongo*. Comum entre as comunidades aldeãs *bantus*, a poligamia servia como uma apropriação do trabalho feminino, sendo que, nessas sociedades, as mulheres tinham fundamental importância, tanto no trabalho agrícola, como na manutenção e ampliação dos clãs.

O *Ndongo* era uma região que se baseava no trabalho agrícola, por meio da utilização de utensílios de metal. As primeiras formas sociais de organização foram as comunidades aldeãs, nas quais as esposas residiam com seu marido, apesar de pertencerem ao grupo próprio, de parentes. Os filhos moravam com suas mães; porém, quando crescidos, juntavam-se aos tios, na aldeia de parentes da mãe, no que se convencionou chamar de relações de matrilinearidade (PANTOJA, 2000: 70).

Os povos *bantus* que viviam na região do *Ndongo* cotidianamente festejavam a colheita e sua relação com os elementos da natureza. De cinco em cinco dias tinham uma dia de festa que chamavam de *sona*, onde bebiam durante todo o dia e comia a noite. Também festejavam as estações lunares, como é o caso da lua nova, que predestinava a época do plantio e eles chamavam de lua *embege*.

Dentre os principais produtos que estavam disponíveis na região, destacavam-se: o feijão que eles chamavam de *ensaca*. Do milho eles produziam uma espécie de pão, que era cozido ao redor do fogo. Da palma eles produziam azeite e vinho, que era muito apreciado pela população local e de sua madeira faziam suas casas (BRÁSIO, 1954, v.2: 510). Alimentavam-se de *banaxas*, que eram popularmente conhecidas como figo de *Kongo* (BRÁSIO, 1954, v.3: 135-136). Também cultivavam o inhame, fegones, calabças e as *tambas* que eram semelhantes aos rabanetes (BRÁSIO, 1954: 510).

Na região havia caça abundante que complementava a alimentação da população. Perdizes, lebres, galinhas e porcos eram alguns desses animais (BRÁSIO, 1954: 510). Os pavões serviam como peça de ornamentação na casa do *Ngola Casanje* e os cães eram super valorizados por servirem como animais de caça e segurança, contra feras e outras perigos, que assolavam as moradias.

Mediante a pesca de cações, atuns, salmões, tainhas, garoupas, linguados, anchovas, carapicus em grandes quantidades, os *muxiluandas* garantiam seu sustento. Para garantir o alimento na época do frio, conhecida como *Casibo*, a carne de peixe era salgada, garantindo por meses sua utilidade. Das vísceras desses peixes eles faziam uma espécie de azeite, que servia como óleo para iluminar as moradias, como remédio para mordeduras de cachorros e picadas de cobras e aranhas; posteriormente seria de combustível dos navios europeus (CADORNEGA, 1942, t. 3: 40).

Os habitantes do *Ndongo* eram conhecidos como *muxilundas* ou *axiulandas* (SILVA, 2002: 508), destacando-se por serem exímios canoeiros e pescadores. Apanhavam lagostas e *nzimpos*, uma das principais riquezas obtidas nesse reino. O padrão de vida se revertia na mobilidade dos indivíduos, entre as diferentes aldeias e linhagens. Quando ocorria a fragmentação de uma linhagem, o sobrinho com a morte do mais velho do grupo, na filiação, poderia deslocar-se para outros locais, como membros de sua geração.

O poder era centralizado nas mãos da aristocracia. Porém, além do rei, havia os seguintes cargos: o *Ngombele*, que era responsável pelo comando da guerra; o *Moenelumba*, era quem devia primar pela residência e pelos outros bens do *Ngola*; o *Muenoquizole* supervisionava a cozinha e cuidava também da alimentação dos assistentes e convidados. E, por último, o *Tendela*, cujo cargo era o de maior importância.

Esse reino havia se constituído da união de várias linhagens e etnias, havendo constantes rivalidades entre elas. Isso se amplia com a chegada dos portugueses, pois eles fomentavam a rivalidade entre esses diversos grupos, a fim de facilitar o processo de dominação.

Referências

- BRÁSIO, Antonio. *A Monumenta Missionária Africana: 1471-1531*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1954. V. 1.
- BRÁSIO, Antonio. *A Monumenta Missionária Africana. 1532- 1569*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1954. V. 2
- BRÁSIO, Antonio. *A Monumenta Missionária Africana: 1570-1599*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1954. V. 3.
- CADORNEGA, António de Oliveira de. *História geral das guerras angolanas*. Lisboa: Agencia Geral das Colónias, 1942. t. 3.
- CAVAZZI, João António de Montecuccolo. *Descrição Histórica dos Três Reinos do Congo, Matamba e Angola*. Lisboa: Junta de Investigações Ultramar, 1965, t. 1.
- DELGADO, Ralph. *História de Angola - Primeiro período e parte do segundo, 1482 a 1607*. S.l.: Banco de Angola, s.d. v.1.
- DOUTRELOUX, Albert. *Introduction à la culture Kongo, "Annales"*, 46, Tervuren, 1963. p.109-169.
- FELNER, Alfredo A. *Angola. Apontamentos sobre a colonização dos Planaltos e Litoral do sul de Angola*. Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1940. 3. v.
volumes, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1940
- GEBRAN, Philomena. *Conceitos de modos de produção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- GLASGOW, Roy. *Nzinga: resistência africana à investida do colonialismo português em Angola, 1582 -1663*. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- GODELIER, M. A noção de modo de produção asiático e os esquemas marxistas de evolução das sociedades (Prólogo). In: CERM. *O Modo de produção asiático*. Lisboa: Seara Nova, 1974.
- HEINTZE, Beatrix. *Angola nos séculos XVI e XVII: estudos sobre fontes, métodos e história*. Luanda: Kilombelombe, 2007.
- LOPES, Nei. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*: São Paulo: Summus Editorial/Selo Negro, 2004.
- MAESTRI, Mário. *A agricultura africana nos séculos XVI e XVII no litoral angolano*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1978.
- MAESTRI, Mário. *História da África negra pré-colonial*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- MARTIN, Rui de Souza. *Mito e história no noroeste de Angola arquipélago*: HISTÓRIA, 2ª série, III (1999).

- MEILLASSOUX, Claude. Antropologia da escravidão: o ventre de ferro e dinheiro. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1995.
- MEILLASSOUX, Claude. *Mulheres, celeiros e capitais*. Porto: Afrontamento, 1977.
- MENEZES, Solival. *Mamma Angola: sociedade e economia de um país nascente*. São Paulo: Edusp, Fabesp, 2000.
- PANTOJA, Selma Alves. *Nzinga Mbandi: mulher, guerra e escravidão*. Brasília: Thesaurus, 2000.
- PARREIRA, Adriano. *Dicionário Glossográfico e Toponímico da documentação sobre Angola- Séculos XV- XVII*. Lisboa: Editora Estampa, 1990.
- PIGAFETTA, Filipo; LOPES, Duarte. *Relação do Reino do Congo e das terras circunvizinhas*, Lisboa: Publicações Alfa, 1989.
- SANTANA, Everaldo. Lins. Vocábulo de base das relações de parentesco Zona K. *Saberes revista eletrônica*, v. 1, 2010.
- SANTOS, Eduardo. *O Antigo reino do Congo*. Lisboa: Ag. Geral do Ultramar, 1964.
- SILVA, Alberto da Costa e. *A manilha e o libambo: a África e a escravidão, de 1500 a 1700*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- SOUZA, Mônica Lima. História da África: temas e questões para a sala de aula. *Cadernos PENESB*, Rio de Janeiro/ Niteroi, v. 1, p. 71-105, 2006.
- THORNTON, John K. The Kingdom of Kongo, ca. 1390-1678. The Development of an African Social Formation. *Cahiers d'études africaines*, v. 22, n. 87-88, p. 325-342 1982.
- VAINFAS, R.; SOUZA, M. M. E. Catolização e ressurreição: o Reino do Congo da conversão coroada ao movimento antoniano, séculos XV-XVIII. In: BELLINI, Lígia; SOUZA, Evergton Sales; SAMPAIO, Gabriela dos Reis (Org.). *Formas de crer: ensaios de história religiosa do mundo luso-brasileiro, séculos XIV-XXI*. Salvador: Corrupio, 2006.
- VANSINA, Jan. A África equatorial e Angola: as migrações e o surgimento dos primeiros estados. In: NIANE, Djibril Tamsir. *História geral da África, IV: África do século XII ao XIV*. Brasília : Unesco, 2010. p. 649.
- VANSINA, Jan. Introduction a l'ethnographie du Kongo. *Kinshasa*, 1966, p. 115-127.
- VANSINA, Jan. Les anciens royaumes de la savane. Collection etudes sociologiques, Institut de recherches économiques et sociales, Léopoldville, 1965.
- VANSINA, Jan. *Notes sur l'origine du Royaume de Kongo*. Journal of African History, Cambridge, (1), p. 36, 37, 1963.
- VANSINA, Jan. O reino do Congo e seus vizinhos. In: OGOT, Bethwell Allan. *História geral da África, V: África do século XVI ao XVIII*. Brasília : Unesco, 2010.